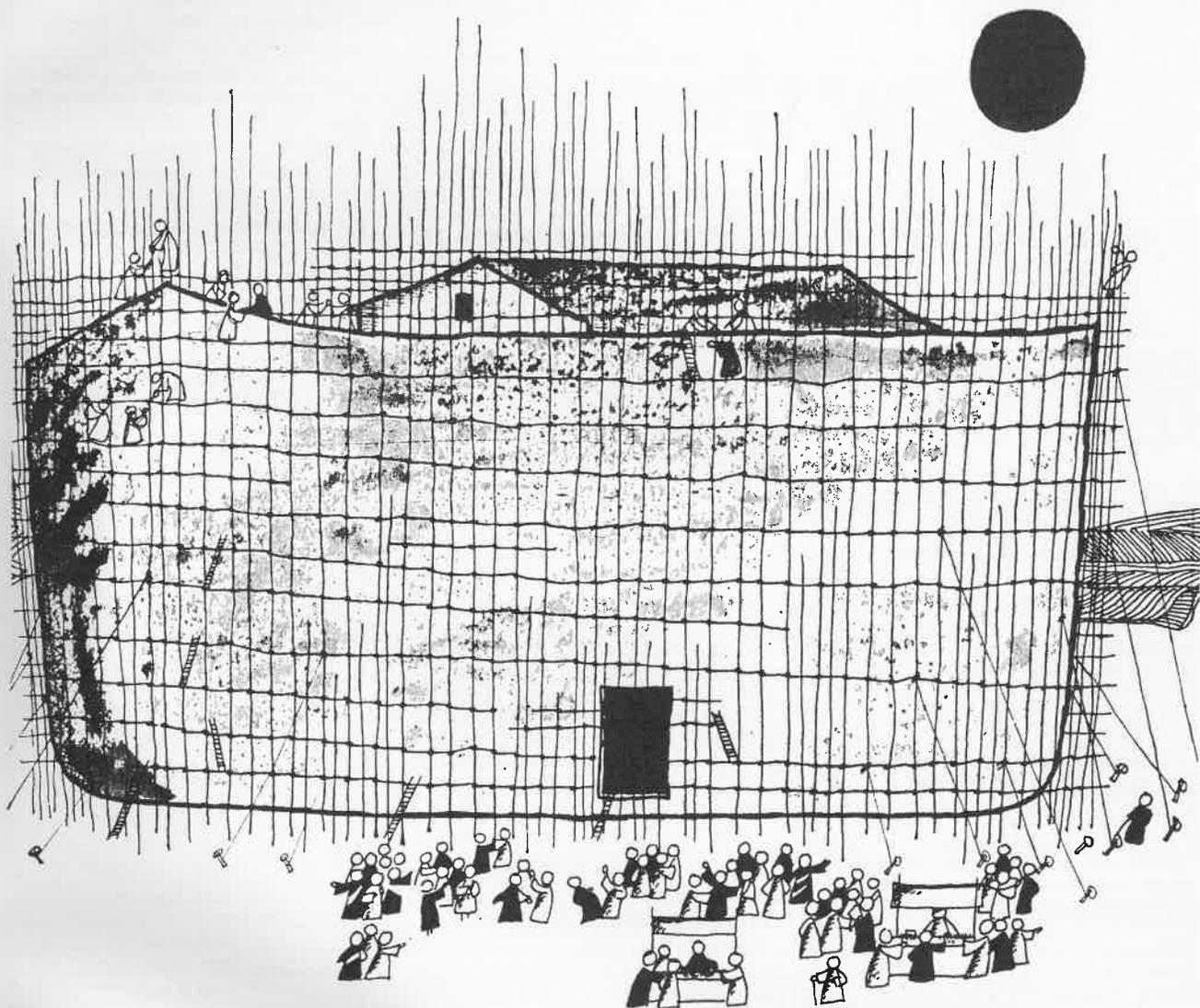




# revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL



## RASTOS DO DILÚVIO UNIVERSAL

As descobertas modernas e as conclusões a que chegam alguns geólogos que não estão presos a preconceitos confirmam o relato bíblico que descreve um dilúvio universal.

Páginas 4 e 5

# “estai vós apercebidos”

## A BÍBLIA TRADUZIDA EM NOVOS DIALECTOS

ESTUGARDA—A Bíblia já foi traduzida, segundo a Aliança Bíblica Universal de Estugarda, em 1549 línguas e dialectos; mas alguns linguistas em todo o mundo estão actualmente trabalhando em quinhentas novas versões. A missão dos tradutores é árdua, mas centenas de homens e mulheres consagrados contribuem deste modo para tornar a Bíblia acessível a todas as nações e tribos.

Os missionários e teólogos da África do Sul iniciaram a tradução do Novo Testamento num curioso dialecto dos boximanes chamado kung, cujos estalidos feitos com a língua se assemelham a consoantes. Este dialecto não se escreve e tem um vocabulário muito limitado, mas o grupo de tradutores prossegue no trabalho, sem se deixar impressionar pelo facto de que tenham decorrido 142 anos (de 1825 a 1967) para traduzir a Bíblia em nama, um dialecto semelhante ao kung.— **Segni dei Tempì**

## DIFUSÃO DA BÍBLIA

O ano de 1975 fez registar o maior índice de difusão da Bíblia no mundo: cerca de 300 milhões de exemplares.

Em relação ao ano precedente, houve um aumento de 46 milhões de exemplares, equivalente a 15,33 %. — **La Luce**, transcrito de **Segni dei Tempì**.

## OS MÓRMONES EXORTADOS A ARMAZENAR RESERVAS PARA UM ANO

SALT LAKE CITY—Os chefes da Igreja Mórmon renovaram as suas advertências aos membros para que armazenem alimentos e outros artigos necessários para um ano de consumo, preparando-se para situações de emergência nacional.

Presidindo a uma sessão da 146.ª conferência geral da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmon), o bispo Victor L. Brown disse que muitos membros «ainda não compreendem ou pelo menos não tomam a sério o conselho que tem sido dado nos últimos anos».

Há 38 anos que os mórmones são aconselhados a fazer uma reserva de alimentos e principais artigos de necessidade para um ano. Este conselho baseia-se nos escritos da Igreja Mórmon, os quais advertem que podem vir os dias da «tribulação» em que as fontes regulares de fornecimento serão incertas.

## ESTAÇÃO DE RÁDIO «A VOZ DO ISLÃO» NA ARÁBIA SAUDITA

BONA—Existem planos para se construir uma potente estação internacional de rádio, «A Voz do Islão», em Meca, Arábia Saudita.

Segundo o Evangelische Pressedienst, agência noticiosa protestante alemã, a estação de Meca terá por objectivo contrabalançar a influência das emissões cristãs na África. A agência anunciou que há cerca de 25 organizações de rádio islâmicas em todo o mundo maometano interessadas neste empreendimento destinado a proclamar o Islão e fomentar a solidariedade entre todos os maometanos.

## CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE FUMO E SAÚDE

NOVA IORQUE—Delegados de 50 nações reuniram-se em Nova Iorque para a terceira conferência mundial sobre fumo e saúde. Os delegados da Igreja Adventista expuseram o assunto «posição dos grupos religiosos face ao fumo e a saúde».

Uma resolução adoptada pelos 300 delegados afirma: «Reconhecemos o valor das organizações religiosas na motivação e modificação da maneira de viver do indivíduo. Exortamos todos os grupos religiosos a estudar a maneira de prevenir os próprios membros e a comunidade em que residem contra os efeitos nocivos do fumo». — **Segni dei Tempì**

## NÃO HÁ REAVIVIMENTO RELIGIOSO ENTRE OS ADOLESCENTES

WASHINGTON—O Dr. Dean Hoge, sociólogo do Boys Town Center da Universidade Católica da América, afiança que não só não existe um «reavivamento religioso geral» entre a juventude escolar do grau secundário, como afirmam alguns observadores, mas até há uma tendência na direcção oposta.

Num documento apresentado num seminário do Colégio Teológico da Universidade Católica, o Dr. Hoge apresentou as suas teorias (baseadas em estudos feitos por ele e pelos seus colegas do Centro) sobre as razões pelas quais a fé religiosa decresceu cerca de 15 a 20 por cento desde 1950, entre os jovens dos 13 aos 18 anos de idade.

## SUMÁRIO

«Estai vós apercebidos»
Página Editorial — Reabriram as Aulas
Ciência e Fé — Rastos do Dilúvio Universal
Série Reformismo — Como Encontrei a Igreja de Deus
Plano de Cinco Dias para Deixar de Falar da Vida Alheia — A História da Queda
História do Mês — O Aligátor não Sabia Geografia
Saúde — Alimentação — Temperança — Saúde Radiante 1 — A Origem da Vida
Notícias do Campo — Acampamento dos Jovens visto pelos Jovens
Caixa de Perguntas — Poligamia — Divórcio
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista  
**adventista**

ORGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

OUTUBRO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 361

Director: ANTÓNIO SIMÕES LOPES BAIÃO

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO  
S. A. R. L.

Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
S A C A V É M

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C - Lisboa

### Preços:

Assinatura Anual:	50\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro	70\$00

# REABRIRAM AS AULAS

Voltam as ruas que levam aos vários edifícios e estabelecimentos escolares a animar-se com risadas dos jovens estudantes que acabam de iniciar o novo ano escolar.

Já todos os nossos prezados Irmãos e Irmãs sabem que — pela graça de Deus, em primeiro lugar e, também, em segundo lugar, pela benevolência dos nossos Irmãos da Divisão e da União — temos duas Escolas de Ensino do Ciclo e Liceal a funcionar em Portugal.

Entram no seu segundo ano de actividade. Graças a Deus, os resultados do ano passado foram muito bons e promissores.

É justo que nos sintamos contentes por termos as nossas Escolas.

Se me perguntarem a razão, aqui a têm.

Temos escolas próprias, simplesmente, porque esse é o plano e o pedido de Deus, de acordo com o que a Bíblia e o Espírito de Profecia nos ensinam.

«A obra que mais de perto cabe aos membros das nossas igrejas é interessar-se pelos seus jovens, porque necessitam de bondade, de paciência, ternura, regra sobre regra, mandamento sobre mandamento ... Satanás está operando com todos os meios concebíveis para atrair os jovens para a sua rede» (Ellen White).

Todos sabemos o que são hoje as escolas do mundo. Por isso temos

absoluta necessidade de organizar escolas adventistas, a todos os níveis e graus de ensino. As nossas Universidades Adventistas nos Estados Unidos são das melhores do mundo, como facilmente se compreende, tendo em vista o que diz a Irmã White:

«Deus não quer que em nenhum sentido fiquemos atrasados na obra educativa. Os nossos colégios deveriam estar muito adiantados, na vanguarda da mais elevada espécie de educação ... Se não tivermos escolas para os nossos jovens, eles frequentarão outros seminários e colégios, onde se verão expostos às opiniões dos incrédulos e a cavilações e dúvidas acerca da inspiração da Bíblia ...»

Sabemos como as Escolas dos Profetas foram uma grande bênção para Israel e como eram abandonadas nos tempos de apostasia. Mas reabrimos quando Israel se voltava, novamente, para Deus.

Nestes tempos tão difíceis em que Satanás procurava desenvolver todas as forças do mal para arrebanhar, nomeadamente, a juventude, é dever de todos os pais adventistas colocar os seus filhos nas nossas escolas.

Que todos os pais, quando Jesus vier, possam exclamar, com segurança:

«Eis-me aqui, ó Senhor, com os filhos que me deste!»

**A. BAIÃO**



# RASTOS DO DILÚVIO UNIVERSAL

Prof. Henrique Mardones

**Antes de entrar no tema, diremos que, com frequência, no campo das Ciências Naturais, algumas teorias sustentadas por uma geração de investigadores se convertem, na geração seguinte, em ensinamentos que se apresentam dogmaticamente como se fossem realidades. E, no entanto, eram simples «teorias».**

NALGUMAS ciências naturais (Química, Física, certos capítulos da Biologia, como a Bacteriologia), essas teorias têm tido curta duração, a menos que hajam sido bem comprovadas.

Desgraçadamente, na Geologia, durante muitíssimo tempo (décadas e mais décadas), sem ter uma base que as comprovasse de maneira fidedigna, muitas teorias subsistiram como se fossem realidades.

Como exemplo, mencionaremos o ensino de que o interior da Terra está em estado de fusão, a da uniformidade da acção dos agentes telúricos (como a erosão, por exemplo) e a que sustenta que as

formas de vida se desenvolveram mediante um lento processo de evolução por todo o mundo. Sem comprovação adequada, essas suposições e as derivações que delas se originaram tiveram domínio no panorama das publicações científicas. Se há algum fenómeno histórico que possa ser comparado a este é o da Idade Média, quando os mestres da época se guiavam por ensinamentos dos escolásticos, sem submetê-los à prova. É certo que, de há meio século para cá, cairam em descrédito a tese uniformista e as teorias de que o interior da Terra está em estado de fusão.

Desde há cerca de 50 anos, as teorias geológicas inclinam-se mais na direcção de um certo tipo de «catastrofismo cíclico». Vem-se aceitando que se alternaram períodos de uma acção paralela dos agentes telúricos com outros de acção muito pronunciada desses mesmos agentes (erosão provocada por geleiras, rios, vento). A evolução das espécies animais e vegetais, embora não passe de uma suposição, continua a ser admitida por muitos.

## A Questão dos Fósseis

Quando se examinam as camadas rochosas, é frequente encontrar duas séries delas que concordam perfeitamente, mas são muito diferentes quanto aos fósseis que contêm. Segundo a teoria popular, deve-se ter passado uma ou mais «idades geológicas» desde que foi depositada a primeira série de camadas, até que se assentou sobre ela a segunda. No entanto, em muitos casos, a estrutura mineralógica de uma camada pode ser seguida por uma estrutura exactamente similar na outra. As formações rochosas exactamente iguais em duas séries de camadas demonstram que as idades atribuídas aos fósseis apresentam problemas capazes de lançar por terra todas as suposições que se têm feito quanto ao transcurso de muitos milhares de anos a partir desses animais que agora estão fossilizados.

## Evidente Alteração de Clima

As rochas proporcionam provas irrefutáveis de que houve uma vez

uma alteração repentina e de carácter permanente no clima de boa parte da Terra.

Sir Henry Howerth afirmou há várias décadas que a flora e a fauna são virtualmente o único termómetro com que podemos comprovar o clima dos períodos passados. «As outras provas — afirma esse geólogo — correm sempre o risco de perder o valor, em virtude de ser possível atribuir ao clima o que na realidade se deve a outras causas. Os cantos arredondados podem ter sido causados tanto pelo mar como por correntes subglaciais, e os conglomerados podem ter sido formados por outros agentes que não o gelo. Contudo, as provas biológicas são indubitáveis. Os répteis de sangue frio não podem viver na água gelada; as plantas semitropicais, ou as das zonas temperadas, não podem produzir sementes e não podem ser semeadas em condições de um frio ártico». (**The Glacial Nightmare** [O Pesadelo Glacial], pág. 427).

Contudo, quando se examina toda a série geológica, desde o chamado período câmbrico até ao pleistocénico, descobre-se que todos os fósseis demonstram com o seu aspecto que o mundo dos fósseis de outrora conheceu um só clima, tal como o indicam as plantas e os animais sepultados nas rochas. Esse clima era semelhante a um manto de suavidade primaveril e parecia envolver por igual todo o globo terrestre. Não podemos saber hoje exactamente como se manteria uniforme esse clima, mas o facto é que existia.

### **Desaparição Misteriosa dos Animais**

Desde há mais de meio século, está comprovado que os animais, pelo menos muitos deles, «foram varridos da existência». Essa desapareção abarcou géneros, famílias e até ordens que incluíam «alguns dos mais nobres animais que já adornaram a Terra, elefantes, mastodontes, tapires, muitas espécies de bisontes, cavalos,

enormes felinos e lobos gigantes» (Olivério P. Hay, na sua Monografia sobre os Pleistocenos da América do Norte, edição de 1923).

Esta referência comprova o que já dissemos. Desde há pouco mais de meio século, alguns geólogos e biólogos puderam comprovar a extinção completa, ou a migração a latitudes mais quentes, de animais como os grandes megatérios, o preguiçoso terrestre, os glipodontes, três ou quatro géneros de camelos, três ou quatro de tapires, uma variedade de rinocerontes e vários animais menores. Todos foram extintos, ou pelo menos desapareceram localmente, duma maneira repentina e misteriosa. Os seus restos encontram-se sepultados em camadas de argila, areia ou pedregulho que foram depositadas por água em movimento, com provas inequívocas de que foi água marinha. Como se deu esse fenómeno?

O Dr. Howerth escreveu, a respeito deste problema:

«Há já muito tempo, quando eu era garoto, mantive correspondência com Darwin acerca de um tema que sempre me havia interessado: como explicar a existência de corpos de mamutes e outros animais conservados integralmente no território gelado da Sibéria, a de enormes hecatombes demonstradas pelos esqueletos e ossos dos seus contemporâneos [dos mamutes] em diferentes partes do mundo, e o evidente grande salto que há entre os restos desses animais, inclusive o homem primitivo, e os restos de seres humanos posteriores, com os seus animais domesticados?

«Darwin, a exemplo de muitos outros que enfrentaram tal problema, confessou-me que isso era ainda para ele um imenso mistério da Geologia e não havia achado nenhuma explicação racional a esse respeito».

### **Qual a Causa das Mudanças?**

Há regiões agora gélidas que evidentemente tiveram, outrora, um clima temperado. Tal é o caso

da Sibéria. Os cadáveres de mamutes ali encontrados o demonstram e são evidência de uma súbita e violenta mudança de clima. Esse facto e outras comprovações (rochas corais sepultadas juntamente com abundante vegetação em regiões árticas, etc.) dizem-nos que no nosso planeta houve uma vez uma temperatura ideal e igual em todas as latitudes. Que cataclismo interrompeu brusca e repentinamente esse estado de coisas?

Os depósitos geológicos actuais indicam uma acção anormal das marés. Essa acção anormal explica-se facilmente quando se toma em conta um cataclismo de ordem mundial provocado pela água. Recorde-se que as marés constituem, cada 24 horas, quatro movimentos de água: dois de fluxo e outros dois de refluxo. A invasão repentina de grandes massas de água que ocuparam vastas zonas da Terra durante vários meses explica os efeitos de marés anormais que ocorreram em regiões da Terra onde hoje não exercem nenhum efeito.

Com tudo isto, vamos chegando a uma explicação racional de todos os principais fenómenos geológicos. É muito clara a evidência de que se produziu uma vez um grande cataclismo de água que destruiu o clima ideal que antes imperava e ao mesmo tempo sepultou nos seus depósitos os animais que hoje, fossilizados, deixam às vezes perplexos os cientistas. Recorde-se também que se encontram restos humanos juntamente com os mamutes e hipopótamos e outros animais gigantes encontrados no hemisfério norte. Daí se deduz que essa grande mudança mundial ocorreu depois de o homem ter aparecido na Terra.

É inevitável que relacionemos esse cataclismo, tão bem testificado por numerosos factos perfeitamente comprovados, com o dilúvio que é descrito nos capítulos sétimo e oitavo do livro de Génesis. As descobertas modernas e as conclusões a que chegam alguns geólogos que não estão presos a preconceitos confirmam o relato bíblico que descreve um dilúvio universal.

# COMO ENCONTREI A IGREJA DE DEUS

Vilmur C. Medeiros

ESTE é o primeiro de uma série de artigos que tenciono publicar com duas finalidades principais: a) Procurar proteger milhares de irmãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia contra os sofismas de movimentos «adventistas»; b) Procurar esclarecer e, se possível, despertar almas sinceras que se encontram ligadas aos chamados movimentos de «reforma». O que nos leva a isto é a nossa própria experiência e o facto de reconhecermos que essas almas ainda sairão desses movimentos espúrios, a fim de também se ligarem à verdadeira Igreja Remanescente.

Não tendo tido o magno privilégio de conhecer directamente a Igreja Adventista, em 1964 uni-me ao chamado «Movimento de Reforma» de 1914 (?). Pensando ser esse grupo a verdadeira igreja, achei que devia empregar os meus humildes talentos para levar a mensagem aos que não a conheciam. Nasceu-me o desejo de ser colportor, abandonei os estudos e dediquei-me ao trabalho diligentemente. Mais tarde fui incluído entre os obreiros bíblicos e ultimamente ocupava-me com a liderança do departamento de colportagem da «União Brasileira» do movimento em questão. Esta União compreende todo o território nacional.

Considerando que a especialidade dos obreiros reformistas é combater a Igreja Adventista — aprendi também, muito cedo, a fazer o mesmo, pensando, como Saulo de Tarso, estar realizando um serviço para Deus. Procurando alcançar mais conhecimento e também mais eficiência, a fim de poder convencer os próprios obreiros adventistas, que julgava estarem errados, dediquei-me ao estudo cuidadoso dos Testemunhos do Espírito de Profecia. Assim, involuntariamente, encontrei passagens que pareciam não se harmonizar com os ensinamentos do «MOVIMENTO DE REFORMA». Outros textos ainda pareciam conduzir-me à compreensão de que não se justificava a existência de outro(s) movimento(s) além daquele surgido, como cumprimento da profecia, em 1844. Procurava, em constantes trocas de ideias com

colegas obreiros, justificação para a existência do «Movimento de Reforma», a despeito dessas impressionantes passagens, e o resultado era este: aparente e temporariamente parecia estarem os reformistas com a razão. Mas a intranquilidade motivada por pequenas dúvidas continuava na mente ao reconsiderar, muitas vezes, na calada da noite, aqueles textos.

Investido de diversas responsabilidades, passei a participar de reuniões de comissão, de conferências organizadoras da «Associação Paraná-Santa Catarina», bem como da União Brasileira. Entristecia-me ao observar que o «organograma» (aliás inexistente) não passava de uma máquina emperada, porquanto a realidade, entre os reformistas, é que existe grande desorganização administrativa, ausência de actividade missionária e falta de progresso em todos os sectores. Ao contemplar esse quadro tão desolador, pensava comigo mesmo: «Se a igreja de Deus em todos os tempos prosperou de maneira maravilhosa, apesar de apresentar ao mundo um caminho estreito, porque é que a igreja a que pertencço não prospera?»

Preocupado com a questão, vinham-me à mente pensamentos como os que se seguem:

1 — A Igreja Adventista do Sétimo Dia é acusada de ser «Babilónia», «prostituta», «gaiola» (de toda ave imunda e aborrecível), etc. Porque é que a «Reforma», com todas essas acusações, não consegue ombrear com a acusada, que é tão organizada e progressista em todos os seus departamentos? Em Test. para Ministros, p. 26 lemos: «Método e ordem manifestam-se em todas as obras de Deus, em todo o Universo. A ordem é a lei do Céu e deveria ser a lei do povo de Deus sobre a Terra». Como harmonizar a desorganização do «Movimento de Reforma» com essa passagem?

2 — Ao mesmo tempo que os Testemunhos insistem enfaticamente na grande necessidade de ampliação dos conhecimentos em geral, para que o Evangelho avance dignamente nos nossos dias, por que razão a direcção do

«Movimento de Reforma» é constituída essencialmente por elementos sem nenhuma cultura? Por que razão os dirigentes se incompatibilizam com os membros que procuram melhorar o seu padrão cultural através de cursos universitários?

3 — Nas páginas 19 e 20 do livro «Evangelismo», lemos, a respeito da sempre crescente influência do evangelismo, obra de extensão mundial, executada pela Igreja Remanescente já antes da chuva serôdia. Porque é que o «Movimento de Reforma» é constituído de um número estacionário de membros e nalguns países apenas? Não seria isso resultado dos constantes litígios e consequentes separações, que por sua vez têm lugar pelo facto de não ser esse movimento guiado por Deus?

4 — Porque leio tanto nos Testemunhos (Evangelismo, p. 413, etc.) sobre a necessidade de hospitais e escolas em todas as partes do mundo, quando essa condição nunca se cumpre na igreja da «Reforma»? Não é essa igreja proprietária de apenas uma mal montada, mal administrada clínica que não passa de uma precária casa de banhos?

A única escola de nível fundamental existente funcionou durante um lustro, no máximo, nos anos 60, e foi fechada por determinação da direcção. Ademais, problemas administrativos tiveram como consequência uma pesada multa por parte das autoridades. Isto impressionava-me tanto que chegava a uma dolorosa dúvida: estaria Deus dirigindo esse movimento?

5 — Porque é que o programa «A VOZ DA PROFECIA» iniciou as suas actividades modestamente e hoje utiliza milhares de emissoras na transmissão de mensagens para milhões, conseguindo baptizar multidões, quando o programa «A Verdade Presente» só faz algumas tentativas sem sentido e sem o menor êxito?

6 — No terceiro volume dos Testemunhos Selectos, leio uma importante mensagem na pág. 140, encabeçada

pelo título «O Propósito de Deus Quanto às Nossas Casas Publicadoras». Como é que isso se pode cumprir a não ser na Igreja Adventista do Sétimo Dia?

A editora da reforma localiza-se no Brasil. Publica apenas poucas compilações que são monopólio de um único autor. Ademais esses livros não contêm mensagem evangelizadora.

Logo que me foi confiada a direcção do Departamento de Colportagem da União Brasileira, tornando-me consciante das minhas sérias responsabilidades, tornei a ler o pequeno-grande livro **O Colporteur-Evangelista**. No capítulo «Os Grandes Livros de Nossa Mensagem», saltou-me claramente aos olhos que os livros **O Desejado de Todas as Nações, Patriarcas e Profetas**, e especialmente **O Conflito dos Séculos** deveriam ser espalhados como folhas de Outono por serem portadores da mensagem de que o povo necessita. Quem preenche esta condição? Não é porventura a Igreja Adventista do Sétimo Dia?

7—A que conclusão chego ao cotejar o livro «História da Nossa Igreja», publicado pela Casa Publicadora Brasileira, com o livro que conta a história do «Movimento de Reforma», escrito por um dos seus mais eminentes líderes (Livro do Pecado)? A que conclusão chego ao comparar as palavras finais desse livro com o recibo de venda, assinado pelo pastor que hoje é Secretário da Conferência Geral com sede em Nova Jersey? São as seguintes as palavras do epílogo dessa obra: «Esses materiais são para os nossos obreiros... Não é certo deixá-los nas mãos daqueles que estão fora da igreja...» Somando esse facto às dissensões, brigas, separações, etc., contidas nesse livro, a que conclusão chego ao contemplar a mensagem contida no terceiro volume dos **Testemunhos Selectos**, pág. 254? Aí encontramos o seguinte: «É chegado o tempo para se realizar uma reforma completa. Quando esta reforma **começar**, o espírito de oração actuará em cada crente e banirá da igreja o espírito de discórdia e luta... Não haverá confusão, pois todos estarão em harmonia com o Espírito.»

8—Porque é que a irmã White deu mensagens de estímulo à Igreja Adventista e aos seus dirigentes até 1915, ano em que morreu fiel nessa igreja? Porque não fez ela nem sequer referência ao movimento de 1914?

9—Estou pertencendo à igreja verdadeira, ou a um ramo transviado que não tem razão de existência dentro da profecia? Porventura não estou trabalhando contra Deus, como Saulo de Tarso a caminho de Damasco? Estes pensamentos ocorriam especialmente após uma discussão contra obreiros adventistas. A leitura constante de toda a série de folhetos publicada contra a igreja adventista era incapaz de desfazer as dúvidas nascentes.

Diante destas e de centenas de outras incoerências, resolvi fazer uma investigação minuciosa dos Testemunhos, mediante oração e jejum, para que eu pudesse compreender a verdade. Certa tarde, em princípios de Junho de 1973, chegando a casa, lancei mão de alguns livros e, tremulamente ajoelhei-me, suplicando a Deus que me auxiliasse com a Sua iluminação para aquele momento decisivo da minha vida espiritual. Roguei ao Senhor que, se o «Movimento de Reforma» fosse a verdade, Ele banisse as minhas dúvidas. Se, por outro lado, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, contra a qual eu sempre tinha trabalhado, fosse a Sua Igreja, que Ele me desse uma compreensão clara a esse respeito, e uma certeza absoluta. O Senhor foi muito bondoso para comigo, respondendo-me à medida em que perscrutava as páginas sagradas. Abriam-se-me os olhos e, em traços claros e inequívocos, pude compreender que a IASD, apesar de defeituosa e fraca, é ainda a Sua Igreja e sê-lo-á até ao fim. Compreendi que ela não fora rejeitada em 1914. O resultado foi que os meus temores foram substituídos por uma paz profunda, uma alegria incontida e perfeita certeza que inundaram o meu coração. Pedi a Deus perdão de tudo o que eu vinha fazendo contra a Sua Igreja e agradei a Ele por ter recebido tão clara e inconfundível resposta.

Quando a mim, não havia mais problema. O meu caso estava solucionado, felizmente. Porém, desejava que os meus familiares, a começar pela minha esposa, viessem a ter a felicidade que eu sentia, compreendendo que não estávamos trilhando o caminho certo. Comecei a orar a Deus, a fim de poder iniciar um trabalho cauteloso com os membros da minha família. Alguns dias após a minha decisão, apresentei à minha esposa o que Deus me havia revelado. Para minha alegre surpresa, o Espírito de Deus operou maravilhosamente e ela não teve nenhuma dificuldade em entender, tomou posição ao lado da Igreja do Senhor. Isto não apenas influenciada por mim, mas pelas suas próprias deduções e convicção. Juntos agradecemos a Deus pela grande bênção recebida e implorámos-Lhe que nos conduzisse no trabalho que nos cumpria iniciar com os demais familiares. Orámos, jejuámos, e em seguida viajámos para Cambará (Norte do Paraná) onde reside quase toda a nossa parentela. Ao chegarmos lá, ficámos maravilhados ao percebermos que Deus estava guiando os acontecimentos. No momento oportuno anunciamos aos nossos queridos a finalidade da nossa visita extemporânea e, em seguida, apresentámos-lhes a mensagem da verdade. A princípio houve alguma oposição (o contrário não era de se esperar) pelo facto de já pertencerem ao «Movimento de Reforma» havia 15 anos. Mas o Espírito Santo trabalhou de tal maneira que compreenderam que estiveram enganados por longo tempo. Houve um misto de alegria e tristeza, mas, apesar dos prantos que

se seguiram, a alegria de terem encontrado a verdade logo substituiu o sobressalto. Então todos exclamámos: «Isto é um milagre de Deus.»

Admiramo-nos, também, da cegueira em que fomos mantidos durante tantos anos, a despeito das claras explicações do Espírito de Profecia.

Depois de tudo isso, fomos ter com o director do trabalho missionário da Igreja Adventista, a fim de relatar-lhe o ocorrido. Quando lhe dissemos: «Irmão José, nós agora somos adventistas», ele demorou a acreditar, mas, ao ver que realmente era verdade o que estávamos dizendo, não se conteve. Chorou de emoção e abraçou-nos. Uma alegria imensa vibrou no nosso coração, pois agora éramos irmãos.

Como antes da minha viagem a Cambará eu estivera na sede da Associação Paulista comunicando a minha decisão, e, como em Cambará houve necessidade de mais ajuda, solicitámos a presença de alguém de S. Paulo. Assim foi enviado o irmão Glácomo Molina, acompanhado pelo Pastor Joaquim Lima, e a actuação foi muito oportuna.

No sábado 16 de Junho, a igreja adventista em Cambará estava em festa: Aproximadamente 40 novas pessoas estavam presentes para assistir à reunião da Escola Sabatina. Houve abraços afectuosos, encontros agradáveis e palavras de gratidão a Deus pelo que Ele tinha feito. Desde essa altura, o templo da «Reforma» ficou ainda de portas abertas, mas de bancos praticamente vazios.

A presença do pastor distrital, residente em Jacarezinho, irmão Harald Link, também se fez sentir no nosso meio. No sábado seguinte, além do Pastor Link, estavam-se rejubilando connosco o Pastor Walter Boger, Presidente da Associação Paranaense e o colporteur Glácomo Molina Filho, que, na véspera, chegou de S. Paulo em companhia do colporteur J. Laerte Barbosa. Este foi o meu primeiro encontro com o irmão J. Laerte Barbosa, também egresso do «Movimento de Reforma», desde que tomei idêntica decisão.

No dia 26 de Agosto, tivemos a alegria de, num total de 20 (vinte) almas, passarmos pelas águas baptismas na Igreja de Deus. Quando este artigo estiver a ser lido, um bom número de outros ex-reformistas já terão sido baptizados em Cambará, Ponta Grossa, etc., além de irmãos que em S. Paulo estão tomando a decisão exactamente agora, enquanto preparo esta matéria. Há um excelente despertamento em diversos lugares, especialmente na Capital Paulista, a despeito da acérrima oposição que estamos enfrentando.

As bênçãos que recebemos do Senhor são de valor inestimável. Por isso nossa gratidão a Ele nunca terá fim. Sim, «Grandes coisas fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres». Salmo 126:3. «Foi o Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos». Salmo 118:23.

PLANO

DE

CINCO DIAS

para deixar

de

FALAR

DA VIDA

ALHEIA

**BENITO RAYMUNDO**

**Segundo Dia**

## CURSO INTENSIVO-IV

# A HISTÓRIA DA QUEDA

A LIÇÃO de hoje será um estudo das origens pré-históricas do mal, para que os nossos alunos possam analisar, na fonte, as causas deste negrejante pecado que, através dos tempos, tem amargurado o povo de Deus, retardando a sua marcha e enchendo de dor e tristeza os verdadeiros filhos da verdade.

Vamos, sem demora, aos factos. A coisa aconteceu, mais ou menos, assim:

Era um anjo de luz, forte, bonito, inteligente que, além, nas regiões da glória, junto à Administração Suprema do Universo, ocupava um importante posto de honra. Tinha, no entanto, a ambição de subir mais, para um cargo superior.

Entretanto, não temos informações precisas quanto ao título que esse ser egoísta, tão avaramente, ambicionava. Talvez fosse, quem sabe, a presidência de uma União, de uma Associação ou Missão que lhe aticasse o ego, ou talvez desejasse ardentemente ser o principal ancião da igreja, diácono-chefe, ou um importante oficial da Escola Sabatina. Não importa, para o caso, o título em si; o facto é que a ambição virulenta existia em grande dose naquele coração invejoso, a ponto de o levar ao desatino e à perda completa da razão, coisa vulgar entre os que sofrem manias de grandeza e, acordados, sonham com vanglórias.

Aproximava-se furtivamente o fim das eras, quando novas eleições se processariam no Universo, e ele, que se julgava um supercandidato, começou de maneira astuta, sorríateira e disfarçada, a promover a sua campanha desleal entre os anjos, fazendo sentir a todos a sua preocupação pelo estado geral das coisas que, como iam, dizia a velha raposa, não podiam acabar bem, mas que, se um dia lhe fosse dado o poder, mostraria com sobejas provas tudo quanto poderia ser amplamente melhorado; tal e qual

como certos manhosos que, de vez em quando, surgem entre nós.

Na sua política rasteira, em conversas nos lares que frequentemente visitava, não deixava escapar a mínima oportunidade para criticar e condenar os «superiores», método, aliás, ainda hoje muito em voga, usado por alguns que se dizem adventistas ...

Afinal, depois de longa espera, o dia tão sonhado chegou e, com ele, a decepção, a frustração e todo um caudal de amarguras que costumam sofrer aqueles que se batem por posições, mas não as conseguem.

Então, o nosso herói, que parecia tão santo, tão consagrado, que sempre teve um bom conselho para os outros, e vivia a distribuir sorrisos e palmadinhas nas costas de toda a gente, uma vez derrotado nas suas pretensões, irou-se e, tirando de cima dos ombros a capa de cordeiro que sempre tinha usado para esconder as suas intenções de lobo, uivou encolerizado.

— Traição! Injustiça! É esta a paga que recebo por todos os meus anos de fidelidade? É este o procedimento de uma comissão que se diz dirigida pelo Espírito Santo? Quem não viu que nesta eleição houve fraude e flagrante protecționismo?

E, cerrando os punhos e olhando desdenhosamente na direcção do Santuário, concluiu:

— Hei-de alertar os membros da congregação para lhes mostrar o rumo que as coisas estão a tomar nesta igreja!

Dito isto, célere como um pé de vento, partiu fuzilando em direcção às mansões onde sabia que seria facilmente acolhida a mensagem de desconfiança e ódio que, pela primeira vez, um ser levava no coração.

Na primeira casa a que bateu, encontrou, já reunido, um grupo de condófidõs simpatizantes que co-

**«Houve batalha no Céu: Miguel e os seus anjos batalhavam  
contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos;  
mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos Céus.»**

mentavam, acaloradamente, os resultados da «Comissão de Nomeações».

— Vocês viram? — perguntou ao entrar.

Atirando sobre uma mesa de cristal reluzente um calhamaço de relatórios, caiu esticado sobre um divã de safiras, cravejado de diamantes, e ali ficou por horas, cheio de suores frios, inconformado, retorcendo-se de inveja, como acontece sempre com todos os pretensiosos, em idênticas situações. Por fim, fingindo recobrar as forças que simuladamente havia perdido, sentou-se com a cabeça entre as mãos e, olhando serenamente para o chão de ouro que reflectia nitidamente o seu pérfido semblante, desabafou, mais ou menos, nestes termos:

— Não é por mim que me aflijo! Não é o futuro de Lúcifer que está em jogo! Eu, todos sabem, nunca fiz questão de cargos (justamente como dizem, entre nós, os ambiciosos). O que me aflige e me perturba é o futuro destas legiões enganadas, sem liberdade, sem vontade própria, sem direitos, dirigidas como autómatos, segundo a vontade de um Ditador! É claro que eu não podia ter sido eleito! Não pertenco à Família; não sou Filho! Não sei «engraxar»! Quem é que ainda não percebeu a trama? Quem não sentiu que tudo estava já antecipadamente preparado? Ah! se todos pudessem compreender o que está por trás de tudo isto!

E, assim, de casa em casa, de mansão em mansão, foi semeando a dúvida, a desconfiança, o ódio e, por fim, a rebelião, até que um dia foi surpreendido neste trabalho por um anjo bom e leal.

— Como? — perguntou-lhe o representante do direito. — Você põe em dúvida as intenções e o carácter do nosso Rei, pelo simples facto de não ter sido escolhido para principal ancião? Paciência, irmão! Afinal de contas, na igreja,

não existe nenhum cargo vitalício. Há outros que também necessitam de ter uma oportunidade para desenvolver os talentos, e é maravilhoso que assim seja. Já pensou como seria maçador, se um Campo ou uma Igreja tivesse sempre à frente, eternamente, as mesmas pessoas? Aconselho-o a parar com essa campanha indigna e a humilhar-se diante do nosso Deus. Todos nós sabemos da Sua infinita misericórdia e bondade. Mesmo você, que parece ter ido longe de mais, se for sincero e honesto na sua confissão e se arrepender, será perdoado.

— Fora daqui com as suas angélicas sugestões! Eu humilhar-me? Eu retratar-me? Eu? Eu? Eu? Nunca! Nunca! Chega de humilhações! Basta de servilismo! Anos e anos servindo como diácono, depois como ancião, sempre atrelado à canga como um animal de trabalho, para afinal receber um pontapé, como recebi? Voltar atrás? Pôr o meu pescoço debaixo do jugo, para amanhã ser outra vez desconsiderado, como um simples membro leigo? Não! Nunca!

— Vejo — insistiu o embaixador celeste — que o irmão tem uma compreensão bastante errada dos cargos na Casa do Senhor. A Igreja, irmão, não é uma monarquia onde os títulos são hereditários e eternos, e onde as castas se dividem por faixas de inveja e rancor. Nem tão-pouco é uma república socialista, onde todos se enganam por uma beirada, e onde os homens, na ânsia de subir, fazem dos seus próprios camaradas degraus para ascender. A Igreja é uma família, é amor, é fraternidade, onde os cargos significam mais responsabilidade e serviço, sem galões, sem títulos, sem grandezas, porque os sentimentos de orgulho e exaltação, que normalmente acompanham os poderosos, não se coadunam com os sentimentos d'Aquelle que, na Terra, Se curva humil-

demente para lavar os pés dos pecadores.

— Basta! Não me fale mais nisso! — atalhou o irado anjo. Não suporto mais ouvir falar em humildade quando tudo em mim me empurra para cima, para subir, além das mais altas nuvens, e ser semelhante ao Altíssimo! Fora! Fora daqui com estas ideias piegas! A obra que comecei não será interrompida por sentimentalismos, e nunca voltarei para trás! Em breve o Universo inteiro verá com quem está a razão.

— Bem ... — aventurou ainda o anjo do Senhor — e a verdade? Que vai você fazer com a verdade? Como poderá prosperar a sua causa se expuser os factos como eles são, como manda a verdade?

— A verdade, ora, a verdade! — respondeu, gargalhando, o pai da mentira. — Tenho uma arma mais poderosa e versátil que a verdade! Não sabe ainda que a terça parte dos membros da Igreja estão a meu favor, e que até alguns obreiros me dão apoio?

Muitos outros anjos o aconselharam a parar e retroceder, humilhando-se perante Deus. Muitos se esforçaram por lhe descrever as funestas consequências da rebelião, mas não houve apelo que escutasse.

«E houve batalha no Céu. Miguel e os seus anjos batalharam contra o dragão e os seus anjos», porque um ser pretensioso e egoísta quis subir e subir além do que poderiam alcançar as suas frágeis e bamboleantes pernas.

Vencido nas cortes de cima, reuniu as suas artimanhas e, na faísca de um raio, partiu com a sua caravana diabólica, desgraçadamente rumo às nossas moradas, para aqui estabelecer o seu reino de mentiras, como hoje se vê. Ouçamo-lo quando se dirigiu pela primeira vez à grande assembleia de demónios, logo depois de ter usurpado o Paraíso das mãos dos nossos pais:

— Camaradas! O reino que hoje fundamos será de plena e absoluta liberdade! Aqui, as incômodas restrições da lei não vão servir de tropeço a nenhum dos nossos súbditos. Estamos todos fartos de obediências, de proibições, de leis e mandamentos! Abaixo os indesejáveis estatutos! Abaixo as proibições arbitrárias! Abaixo as condenações da consciência! Aqui todos serão livres, verdadeiramente livres para viver como quiserem, sem mais se preocupar com a ordem, com a disciplina, com a decência e com outras virtudes pueris que só fazem tolher o gosto e o prazer da verdadeira liberdade!

— Peço licença para falar — mugiu dos fundos um demônio, visivelmente preocupado. — Creio que não nos podemos esquecer do que foi dito, que o Filho do Soberano virá um dia à Terra para exaltar a lei, tornando-a gloriosa. Como vamos resolver o problema se isso acontecer?

— Bem — retrucou o enganador com ousadia —, se Ele vier, o que duvido muito, haveremos de enfrentá-lo com as armas que urdiremos com a vileza e a mentira. Desde o berço em que nasceu, haveremos de segui-lo, cheio de dor e coberto de ignomínia, no aviltante e ridículo madeiro. E será tal a angústia que O faremos padecer que, escarnecido, cuspido e desprezado pelos próprios homens que tiver querido salvar, há-de com certeza fugir, deixando-nos em paz aqui neste recanto, onde nem lei, nem Deus, voltarão a existir!

— Peço a palavra! — rosnou do meio da turba um demônio que, pelos jeitos, tinha ocupado uma posição importante no Céu. — E a Igreja que será fundada aqui? Não ensinará, depois, aos homens, os princípios celestiais da verdade? Como vamos livrar-nos da influência da Igreja?

— Bem, a Igreja... — murmurou, sarcasticamente, o diabo — a Igreja não será problema. Para confundí-la e subvertê-la, usaremos a própria Bíblia que será escrita, e de tal forma, que dos púlpitos sagrados se proclamará que a lei foi abolida! Não existe mais pecado nem condenação. Será a confusão su-

prema! Os homens, desorientados, perdidos e sem poder atinar com a verdade, inventarão mais de mil seitas que se combaterão umas às outras, até que a ideia de Deus seja completamente extinta da Terra, a ponto de haver entre conhecidos pregadores do Evangelho quem afirme, com ares de alta sapiência: «Deus morreu!» Ademais, faremos com as doutrinas cristãs uma salada tão perfeita, que os membros da mesma seita não se entenderão. A indiferença, a hipocrisia, a inveja, o ódio, o fumo, o álcool e outros entorpecentes serão mercadorias tão correntes entre os professos cristãos, que os homens de bem, desiludidos, saturados das bandalhões, voltarão às fábulas ridículas e rasteiras, zombando e escarnecendo do poder de Deus.

— Bravo! Fantástico! Viva o nosso grande rei!

E o alarido foi aumentando num ritmo crescente, até que o eco reboou ao longe, como o estrondo do trovão. Nesse momento, quando a hoste infernal ovacionava delirantemente, um ser alto, esguiu, soturno e desfigurado assomou à frente e rogou por silêncio. Quando se calou a vozearia, disse:

— Chefe, os seus planos são bons, quase perfeitos. Mas há um ponto importante que ainda não foi explicado.

Lúcifer mordeu os lábios, visivelmente encabulado.

— Todos nós sabemos que nos últimos dias se levantará na Terra um movimento que fará da lei e do advento do Filho de Deus os temas principais da sua pregação, e que esse povo, humilde e pequeno, dará um testemunho tão forte e poderoso que reivindicará o nome do Senhor e nos deixará extremamente confusos. Quais são as suas providências para enfrentar os adventistas?

Lúcifer, ao ouvir esta observação ousada, fingiu conservar a calma, mas respondeu um tanto perturbado:

— Não se aflijam por isso. Deixem esse povo por minha conta. Tenho cá os meus planos que impedirão os triunfos dessa gente abominável. Acalmem-se! Confiem em mim!

— Não podemos saber quais são esses planos? — indagou um diabo, do meio da multidão.

Lúcifer respondeu:

— Sim, com certeza! Creio até que será muito útil, porque assim poderemos corrigir algumas falhas, que por lapsos tenham escapado. Creio que não há nada melhor para impedir o avanço desse povo do que infundir nos seus ministros aquele desejo insano que me assaltou no Céu. Desejo de glórias, de honras, de posições, até que muitos deles percam por completo a visão do ministério e sirvam como simples mercenários. Depois, vamos soprar este mesmo sentimento sobre os membros da Igreja. Vocês haverão de ver como esse povo lutará por um cargo. O sentimento de amor e irmandade cederá à pressão da inveja, do ciúme, do desejo de grandeza, a ponto de haver na mesma congregação homens e mulheres que, por cobiça da mesma posição, vivam completamente separados. Entre eles soltaremos os maldizentes e os críticos acusadores, para que usem a sua língua, a tempo e fora de tempo, bem como os mais baixos meios de comunicação, folhetos, circularés e cartas anónimas, para solapar, denegrir e ultrajar qualquer esforço ou iniciativa que os dirigentes possam ainda elaborar. Depois...

— Basta, chefe! Não precisamos ouvir mais nada! Bravo!

— Senhor presidente, proponho que estes planos sejam aceites — gritou um anjo mau, sentado na primeira fila de bancos.

— Apoiado! — repetiu em coro a multidão.

— Empenho a minha palavra de honra no cumprimento destes planos — concluiu o ardiloso enganador.

Parece que o inimigo está mesmo a cumprir a sua palavra, porque, segundo consta, os faladores, os maldizentes e demais filhos da inveja estão espalhados por toda a parte em grande quantidade, pelo menos um em cada congregação adventista.

Voltem todos amanhã para a terceira lição, que será dada no meio da Natureza.

(Continua)

# história do mês

## O Aligátor não sabia Geografia



(Notre Petit Ami)

Freddy! Anda! Despacha-te — gritou Jimmy ao seu irmão, Freddy Mason, da extremidade pouco profunda da piscina onde se divertia com grande entusiasmo.

Jimmy não sabia ainda nadar muito bem e não se afastava, como os crescidos por vezes fazem, a não ser quando estava com os pais.

Era a primeira vez que os dois irmãos voltavam à piscina, desde que o rio Ouachita tinha saído do leito. A inundação tinha coberto a piscina à beira do rio, por não haver nenhum dique a defendê-lo.

Freddy avançava e olhava entretanto para onde estava Jimmy.

— Que é que viste, Jimmy?

— Ali, Freddy. Há um minuto vi qualquer coisa com uns grandes dentes e uns olhos estranhos. É grande ... — e Jimmy estendeu os braços ...

— Ali! Vi-o há um minuto.

— Naturalmente viste um peixe grande que talvez tenha ficado na piscina depois da inundação.

O pequeno tinha um olhar assustado e olhava fixamente na direcção do lugar em que tinha visto a estranha aparição, no momento em que gritou:

— Não sei! O animal pareceu-me um aligátor.

— Um aligátor! — exclamou o irmão a rir. — Estás a sonhar. Não há animais desses por aqui. Estamos muito ao norte da Luisiana. Sabes bem, Jimmy, o nosso livro de Geografia diz que existem aligátors no sul, mas nunca na nossa região.

— Ainda não sei ler a geografia. Talvez os aligátors não saibam também ler a geografia — respondeu Jimmy.

— Ah! Ah! Ah! — E Freddy ria a bandeiras despregadas.

— Claro que os aligátors não sabem ler a geografia. Não vão à escola, palerma! Ah! Ah! Ah!

— Então, como é que os aligátors sabem que não podem vir a esta região? — perguntou Jimmy inocentemente, agarrando-se ao braço do irmão.

Nesse momento uma grande cabeça emergia, com olhos esfomeados. A cauda batia com força na água.

— Mas ... é um aligátor, Jimmy! Um daqueles que a gente viu no jardim zoológico. Saiamos da água, depressa!

Jimmy estava com tamanho medo que não era capaz de fazer qualquer movimento, nem dar um

passo. Freddy agarrou-o pela mão e puxou-o. Os dois meninos só pararam já a uma certa distância da piscina, para retomar o fôlego. Olharam na direcção da piscina. Jimmy estava agarrado a Freddy, enquanto viam o animal que mostrava a boca aberta, de dentes afiados e a cauda comprida que fazia saltar a água. O aligátor tinha-os seguido até à beira da piscina e ficara a olhar para eles.

— Com certeza que veio nas inundações e ficou preso na piscina quando as águas baixaram — raciocinava Freddy. — Se calhar fomos os primeiros a vir à piscina depois das inundações.

— Vamo-nos embora, Jimmy. — e Freddy agarrou a mão do irmão, correndo ambos ao encontro do guarda da piscina, o Sr. Bloom, para lhe contarem o que tinham visto.

— Um aligátor na piscina? Não! não é possível. Nunca tivemos aligátors nos nossos rios ... No sul, isso sim, há alguns, mas não aqui! Deve ser outro animal qualquer.

Procurou um pau comprido, munido com um arame, e dirigiu-se para a piscina com os dois rapazes.

— Lá está ele! — gritou Jimmy, apontando para dois olhos que se mostravam à superfície da água.

Bloom atirou o pau naquela direcção. O aligátor abriu a grande boca e mergulhou, dando uma grande volta com a cauda.

— Não acredito no que vejo, mas é um aligátor — disse o guarda.

— O que é que vamos fazer? — perguntou Freddy.

— Vamos pedir ajuda. Vamos apanhá-lo e mandá-lo para o jardim zoológico. Não compreendo como é que veio até tão longe, e para o norte. Nunca encontramos aligátors nesta zona. É um milagre que vocês não tenham sido atacados, rapazes!

Bloom chamou o director do zoo. Vieram alguns homens ajudá-lo a apanhar o aligátor. Prenderam-no num grande camião. Freddy e Jimmy foram os primeiros a irém visitá-lo no jardim zoológico.

— Vamos tomar banho? — perguntou Freddy.

— Vamos, mas só quando a piscina tiver sido completamente esvaziada e limpa. Não tenho vontade de encontrar outro aligátor! — disse Jimmy sorrindo.

Iniciamos este mês a publicação de uma importante série de artigos subordinados ao tema **SAÚDE RADIANTE**. Trata-se de um conjunto de lições preparadas inicialmente pelo médico adventista **Dr. Clifford R. Anderson**, traduzidas e adaptadas do inglês pelo **Pastor J. Sandoval Melim**, actual director dos Departamentos de Saúde e Temperança da Associação Portuguesa.

## SAÚDE RADIANTE – 1

# A ORIGEM DA VIDA

O universo está cheio de coisas maravilhosas. As estrelas, os sóis e as constelações, separados por distâncias imensas, constituem um espectáculo inimitável. É certamente emocionante admirá-los em noite sem núvens. Porém, neste universo, nada há de mais maravilhoso do que o facto da própria vida.

Já vos aconteceu estar junto a um ribeiro, ou lago, num dia quente de Primavera? Que vistes? Mesmo uma observação superficial do ambiente revela uma quantidade enorme de formas vivas pululando por toda a parte. Parece que todo o mundo está vivo. A relva debaixo dos pés está verde e viçosa. Está viva! As árvores estremeçam cheias de vida e de energia. Por toda a parte há flores desabrochando, insectos que pululam. Há abelhas, moscas, traças, borboletas, grilos e gafanhotos. E há ainda muitos outros, uns maiores, outros menores, mas todos vivos!

No ar, há pássaros que voam de um lado para o outro, procurando alimento para os filhos. E todos gorjeiam na simplicidade da pura alegria de viver.

Até mesmo a própria terra debaixo dos nossos pés está cheia de formas diferentes de vida. Umas vêm-se à vista desarmada — as formigas, as aranhas e as carochas. Mas, as mais numerosas só se podem ver com a ajuda de um microscópio. É o mundo

imenso das bactérias. Estes pequenos organismos vivos fixam o nitrogénio e são por isso absolutamente indispensáveis a toda a vida animal e vegetal. Um grama de solo contém tantas vidas destas como Londres ou Nova Iorque tem de habitantes! Contudo, raramente pensamos nelas.

Se olharmos agora para o rio que corre junto de nós, verificaremos que está prenhe de vida. Muitas espécies diferentes de plantas crescem nas suas águas. Algumas têm raízes; outras simplesmente flutuam. Mas todas estão vivas. Elas ali se encontram a fim de providenciar alimento para as várias espécies de vida animal que abundam nas águas do rio, tais como rãs, peixes, crustáceos, larvas de insectos, e muitas outras, demasiado numerosas para serem mencionadas aqui.

Tomemos, em seguida, uma gota da água do rio e observemo-la ao microscópio. É espantoso. Há vida naquela gota de água: bichinhos mexendo-se, uns nadando rapidamente, outros meramente banhando-se repousadamente na sua piscina particular. Sob a poderosa lente do microscópio, parecem grandes. Mas, na realidade, são incrivelmente pequenos. Na verdade, seria necessário colocar quarenta mil deles, topo a topo, para se ter um centímetro de comprimento!

Finalmente, olhemos para nós próprios. Quer o creiamos quer não, ao cimo desta lista interminável de formas de vida diferentes está o ser humano. Nenhuma outra forma de vida possui um corpo tão maravilhoso como o nosso. Nenhum outro corpo, nesta multifária natureza, é tão complexo e ao mesmo tempo tão perfeitamente equilibrado. Nenhuma outra criatura tem uma mente capaz de apreender os segredos da natureza e de os aplicar ao bem de todos. Cada parte do corpo humano está viva. Cada órgão está realizando a sua parte para manter-nos em perfeita saúde. Outras criaturas poderão ter músculos mais fortes e ossos mais pesados; poderão ser capazes de mover-se mais rapidamente; mas apenas o homem possui a capacidade para compreender as maravilhas da criação.

### Como começou a vida

Como apareceu tudo isto a que chamamos vida?

Recuemos, em pensamento, àquele dia estupendo em que o nosso mundo acabava de sair das mãos do Criador. A sua superfície foi em breve aquecida pelos raios do sol, que também acabava de nascer. A temperatura era perfeita e a atmosfera continha as percentagens exactas de oxigénio e de água. Agora o planeta estava pre-

parado para sustentar a vida. Chegou então o momento emocionante em que, à ordem da Palavra divina, todas as variadíssimas formas de vida, de repente apareceram! Em referência a esse momento tremendo, lemos que «as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam». (Job 38:7).

Naquele ambiente perfeito, o Criador colocou as primeiras plantas e os primeiros animais, ordenando-lhes que se reproduzissem «conforme a sua espécie». (Gênesis 1:11, 12, 21, 24, 25). E daquele momento em diante cada organismo vivo começou a preencher o seu lugar próprio no grande ciclo da vida. Em obediência à Palavra do Criador, árvores, ervas, plantas e flores rapidamente cobriram a superfície do jovem planeta, provendo alimento para os numerosos animais que em breve deveriam começar a povoá-lo. E assim começou o grande ciclo da vida.

Era linda esta terra nesses tempos distantes do seu começo. Ainda hoje, excepto onde a degeneração e a doença desfeitearam a natureza, este mundo continua a ser muito belo.

A vida é tão misteriosa! É-nos impossível descrevê-la ou mesmo procurar compreender o que ela realmente significa. Todos sabemos o que é estar vivo; mas quem poderá compreender os incontáveis mistérios da vida? Todos os dias se fazem novas descobertas nos laboratórios de pesquisa científica, mas, diante dos olhos do investigador, elas abrem quase sempre campos ainda mais vastos de mistério. Quanto mais aprendemos, melhor compreendemos que os últimos segredos da natureza estão cada vez mais fora do nosso alcance real.

Uma coisa parece certa, como dizia William Harvey, o médico que descobriu a circulação do sangue: **Omne vivum ex ovo** («Todo o ser vivo provém de um germe»). O germe da vida encontra-se apenas em organismos vivos e não pode ser transmitido senão por organismos vivos. Qual a origem deste germe da vida? A resposta é óbvia, e o maior dos cientistas pode apenas curvar a cabeça e repetir as palavras de Moisés: «No princípio Deus». (Gênesis 1:1).

## Teorias várias

Através dos tempos têm aparecido várias teorias, que são desenvolvidas e que se mantêm enquanto novas descobertas as não tornam obsoletas. Não é nosso propósito entrar aqui em qualquer discussão prolongada destas teorias, nenhuma das quais tem subsistido perante o teste de séria inves-

tigação científica. Vamos apenas mencionar uma que tem uma relação directa com a origem da vida: a velha teoria da «geração espontânea».

Houve tempo em que homens cultos acreditaram que moscas, rãs e outras criaturas se formavam a partir de materiais em decomposição. A maioria das pessoas aceitava esta teoria simplesmente porque ela era ensinada pelos que se encontravam em postos de autoridade. Podemos sorrir a este tipo de credulidade, mas há literalmente milhões de pessoas hoje que aceitam teorias incomprovadas apenas porque elas são ensinadas por professores e expostas por conceituados cientistas e escritores. Antes de sorrirmos da ignorância dos nossos antepassados, será bom lembrar que certas teorias mais recentes sobre a origem da vida podem também estar erradas. Referimo-nos em particular à famosa teoria da evolução. Apesar de tudo o que tem sido dito e escrito sobre o evolucionismo, é necessário lembrar que a teoria da evolução continua a ser uma teoria. Nunca foi provada por ninguém.

As numerosas experiências que têm sido feitas por pesquisadores científicos de todo o mundo continuam a demonstrar que **as células vivas só podem ser produzidas por outras células vivas** e que estas, por seu turno, tiveram origem noutras células também vivas. Não se conhece um ponto em que a célula viva se tivesse originado da matéria inanimada.

Louis Pasteur (1822-1895), o fundador da moderna ciência da bacteriologia, tornou-se mundialmente famoso ao demonstrar que os organismos vivos têm origem noutras células vivas. Ele verificou que este princípio era verdadeiro mesmo em relação com as mais diminutas bactérias.

Lister (1827-1912), o pai dos anti-sépticos modernos usados em cirurgia, avançou ainda mais as descobertas de Pasteur. Este cientista retirou das operações cirúrgicas o perigo das infecções ao remover das salas de operação todas as bactérias causadoras de doença, salvando assim milhares de vidas humanas todos os anos. Lister demonstrou também que os germes causadores de doença só podem ser originados por outros germes do mesmo tipo.

Os botânicos e os zoólogos de todo o mundo estão de acordo em que não há «geração espontânea» na natureza. Por outro lado, ainda ninguém pôde demonstrar que uma «espécie» vivente se transforme noutra «espécie». Todas as formas de vida seguem um modelo definido. Este princípio mantém-se quer estudemos cogumelos, mosqui-

tos, ratos ou homens. Todas as coisas se reproduzem «conforme a sua espécie». Esta é uma lei básica da natureza, facilmente demonstrável em qualquer parte do globo. Não existe, até este momento, qualquer descoberta científica, digna deste nome, que tenha provado o contrário.

Como se reproduzem as plantas e os animais? Todas as formas de vida, com excepção dos mais pequenos animais unicelulares, se reproduzem através de alguma espécie de **semente**. Nas plantas, esta semente é constituída por uma simples estrutura celular. Se o solo for bom, se houver humidade e calor suficientes, a semente germinará e crescerá. A partir desta célula inicial, inúmeras outras células se desenvolverão para vir a formar uma estrutura organizada, produzindo em breve uma nova planta.

O mesmo se passa com os insectos e com a maioria das formas «inferiores» de vida. Em geral, a mãe prepara um ninho no qual põe os seus ovos. Se as condições forem favoráveis, um novo ciclo de vida começará, o qual, por sua vez dará origem a um outro, e assim por diante. De tudo o que tem sido possível averiguar, a conclusão é insofismável: cada novo ciclo segue exactamente o mesmo modelo daquele que o precedeu.

## Como se originam os bebés

Nos animais «superiores», a vida começa também por apenas uma pequenina célula, mas todo o processo parece ser muito mais complexo do que nas formas chamadas inferiores. No ser humano, o ovo fertilizado, ou célula mãe, permanece dentro do corpo da mãe durante mais ou menos quarenta semanas. Ali continua a crescer e a desenvolver-se até que eventualmente se torna um bebé pesando três ou quatro quilos. Agora é milhões de vezes maior do que a célula original. E isto tudo acontece em nove meses! Este ser humano, por mais que viva, nunca mais crescerá tão depressa.

Durante este longo período de desenvolvimento dentro da mãe, são formadas todas as diferentes partes do corpo. Apesar de muito pequeninas de começo, elas são capazes de realizar alguma função. Nada foi esquecido. Tudo é perfeito. Da célula única inicial, a vida expandiu-se e multiplicou-se até tornar-se mais um ser humano, capaz de reflectir a imagem do divino.

Como é que tudo isto aconteceu? Logo que o ovo é fertilizado, começa a crescer e a aumentar rapidamente

de tamanho. De cada um dos pais recebeu os genes que determinam o sexo, a altura, a cor e, até certo ponto, o próprio tempo de vida. As excentricidades, como marcas peculiares na pele, dedos extra nos pés ou nas mãos, e outras características de família estão já presentes dentro daquela primeira célula. Algumas destas características são dominantes; outras são recessivas ou escondidas. Mas todas ali se encontram desde o momento inicial da concepção. Tal é o milagre da vida.

Depois de algumas horas, aquela primeira célula duplicou de tamanho. Começa então rapidamente a dividir-se em duas células irmãs, as quais, por sua vez, passarão pelas mesmas fases de crescimento. Passadas mais algumas horas, cada uma destas células se divide novamente em duas células irmãs. Cada uma destas células continua a transportar as mesmas características de família que estavam presentes na primeira célula no momento da concepção. Este notável processo de crescimento e divisão continua com mais ou menos a mesma rapidez até que se tenham formado incontáveis bilhões de células, todas elas realizando as suas próprias funções e servindo as outras em alguma função de conjunto.

### Aparecem os órgãos

Algumas destas células servem como cobertura para o corpo. Tornam-se pele, cabelo, unhas e mucosas. Outras formam-se em músculos, ossos e nervos. Ainda outras parecem agrupar-se para formar os vários órgãos internos do corpo, como o fígado, os rins, o coração e os vasos sanguíneos.

Todos estes órgãos têm uma parte bem definida a realizar na vida do bebê antes do nascimento. Mas, o que é ainda mais notável é que alguns órgãos, tais como os olhos, os ouvidos e os pulmões se encontram já preparados para as funções que deverão realizar, muito tempo antes de poderem ser mesmo usados. Tal é a extraordinária sabedoria revelada na idealização e criação do corpo humano.

O maravilhoso processo de crescimento continua. Os nervos crescem dos tecidos e órgãos muito antes de serem necessários. Uma forte estrutura de tecidos resistentes forma-se em cartilagens que mais tarde se transformarão em ossos prontos para o momento em que músculos poderosos os cobrirão. Os pulmões desenvolvem-se primeiramente como glân-

dulas sólidas, mas arranjadas de tal maneira que podem expandir-se no momento em que o bebê respira pela primeira vez.

Igualmente notável é o instrumento destinado à produção de sons, a laringe, pronta já para quando o bebê falar e cantar. Nada foi esquecido. Tudo tem o seu lugar próprio. Em seguida começam a aparecer pequenos rebentos, grotescos e inúteis a princípio, mas que depois se tornarão braços e pernas. E quão importantes serão depois em quase todas as funções da vida! Outros órgãos, tais como o ouvido, o nariz e a língua, aparentemente desnecessários na escuridão húmida em que foram formados, estão preparados, esperando o momento em que serão necessários, quando chegar o mundo da luz e do som. Nenhum detalhe foi esquecido. Será possível imaginar que tudo isto aconteceu por acaso?

### Quem planeou tudo isto?

No fim de nove meses o milagre completa-se. O bebê está pronto para nascer. O seu peso é agora mais ou menos três quilos, isto é, setecentas vezes mais peso do que sete meses antes! A partir deste momento, viva o que viver, nunca mais crescerá tão depressa.

Que é esta coisa misteriosa a que chamamos «vida»? Que maravilhosa força é esta que faz com que o ovo fertilizado comece a dividir-se e a desenvolver-se em mais e mais células, até que haja bilhões delas e cada uma ocupando o seu próprio lugar e realizando a sua própria função? Por que razão é que algumas células se transformam em dentes enquanto que outras se transformam em unhas? Porque é que algumas formam ossos e outras massa encefálica? E que dizer daquele pequeno tubo que eventualmente formará o coração? Quem teria planeado todo este maravilhoso sistema humano? Só Deus podia fazê-lo.

### Alguns conselhos à que vai ser mãe

O feto, que vive e se desenvolve dentro da mãe, constitui um fenómeno que não deixa nunca de nos maravilhar. Cada estágio do seu crescimento demonstra que a vida humana não é um acidente cósmico. Cada estágio do seu desenvolvimento segue um modelo distinto de organização. Se se interfere neste plano, todo o corpo se desequilibrará, a força vital diminuirá e a doença aparecerá.

Preservar a saúde deveria ser a primeira e mais importante consideração de cada um de nós. E isto nunca é tão importante como durante a gravidez. A jovem senhora que espera um bebê deve guardar bem a sua saúde, porque dela depende a saúde e a felicidade da geração seguinte.

A futura mãe deve evitar todos os excessos. Que se abstenha de todo o tabaco e de todas as bebidas alcoólicas e das carnes pesadas como porco e seus derivados. Estas substâncias contêm venenos que impõem ao coração e aos rins da mãe um esforço demasiado grande, fazendo perigar a sua própria saúde e a do futuro bebê.

A dieta da senhora grávida deve ser simples e nutritiva. Ela deve usar leite, frutos, legumes e verduras em abundância, ingerindo as suas refeições devagar e a intervalos regulares. Deve manter à sua volta, tanto quanto lhe seja possível, um ambiente renovado de ar puro, de alegria, paz e limpeza esmerada. Durma bem; não use espartilhos ou ligas elásticas de qualquer espécie.

Em princípio, nada há a recear numa gravidez normal, tanto mais que a maioria das senhoras goza melhor saúde do que habitualmente, durante este período da sua vida. Mas é importante que ela esteja sob os cuidados de médico competente.

### A obra-prima de Deus

Em qualquer das suas variadíssimas formas, a vida constitui sempre um assunto fascinante de estudo. Mas ela nunca significa tanto como quando vemos aquela célula diminuta se transformar numa bela e culta mulher ou num forte e nobre homem, capazes não só de se compreenderem a si mesmos mas também de aprenderem alguns dos mistérios do universo de que formam uma parte tão pequena mas tão importante. Ao ser humano foi dada a vida. Foi-lhe concedida para guardar e para usar, mas não para destruir.

O maior dom que a vida faz ao homem é o seu próprio cérebro com todas as suas faculdades de memória, raciocínio e decisão. Estas são as faculdades que o tornam fora de série e o separam do resto da criação animal. É sua responsabilidade evitar tudo o que corrompa a sua mente ou enfraqueça o seu corpo, porque aquele que estas coisas destrói, destrói a obra-prima da criação.

O título do capítulo 2 será: «O Poder Curativo da Natureza».

# notícias do campo

## COSTA DE LAVOS

# ACAMPAMENTO DOS JOVENS VISTO PELOS JOVENS



A eleição do «Rei» e da «Rainha» da Simpatia

## ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS JOVENS QUE ESCREVERAM OS SEUS COMENTÁRIOS E IMPRESSÕES DO ACAMPAMENTO M.V. 1976

A jovem **Raquel Ramos** é membro da Igreja de Odivelas. Ela esteve várias vezes em África, acompanhando os seus pais no trabalho missionário naquelas terras longínquas. Seu pai, o Pastor Nunes Ramos, dirigiu várias instituições adventistas em Angola e Moçambique, e a Raquel teve oportunidade de conviver com diferentes igrejas e jovens daquelas paragens. Actualmente, ela está seguindo o curso de Românicas na Faculdade de Letras em Lisboa, e foi um prazer para todos nós a sua presença no Acampamento.

A jovem **Luísa Sequeira** é membro da Igreja da General Roçadas. Ela aceitou Jesus no seu coração há cerca de dois anos, tendo seguidamente recebido o baptismo. Algum tempo depois seguiu para o Colégio de Collonges, onde esteve um ano. Regressou a Portugal, dando o melhor da sua simpatia e talentos à causa de Deus, particularmente na Igreja que frequenta. Actualmente prepara-se para se inscrever no Curso Superior de Enfermagem, com o fim de dedicar as suas forças à nobre e tão difícil tarefa de minorar o sofrimento do pró-

ximo, a exemplo da maravilhosa obra feita por Jesus.

O jovem **Carlos Jales** é membro da Igreja de Oliveira do Douro. Trata-se de um jovem do qual podemos dizer que, praticamente, nasceu na Igreja, na medida em que seus pais são membros da Igreja e ele convive com a Congregação desde a sua infância. Tem ocupado este ano uma posição na direcção M.V. da sua igreja.

O **José Carlos Cidra** é jovem da Igreja do Porto. Veio para a Igreja através duma escola cristã de férias. Baptizado há cerca de três anos, é um dedicado colaborador das actividades da Igreja, fazendo parte, actualmente, do corpo de professores da nossa escola secundária do Norte, onde a sua consagração e boa vontade são motivos de grande satisfação para a obra de educação naquela Escola.

Todos estes jovens estiveram presentes no Acampamento - 76 e é um prazer para nós a sua colaboração com o Departamento M. V., na Revista Adventista.

J. M. Matos

# COMO EU VI O ACAMPAMENTO M. V.-76

## E O QUE ELE FOI PARA MIM

Não busquei nele 10 dias de férias, mas sim 10 dias de esforço e luta.

Desejei realizar uma experiência, e de há meses que me havia decidido a ir a este acampamento. Seria o meu primeiro em Portugal — e examiná-lo-ia por mim mesma.

Parecia-me útil esta experiência, porque ali poderia decerto pôr-me em contacto com jovens mais ou menos da minha idade, das igrejas de norte a sul do meu país, e sentir a diferença de mentalidades e de modos de encarar a vida e o mundo.

Foi isto que eu busquei neste acampamento — uma experiência espiritual. E escrevo para esta revista, afirmando conscientemente que encontrei o que esperava.

Na minha opinião, foi um encontro de ambiente cristão. Foi dada uma grande liberdade à juventude, e alegrei-me em observar como cada um soube ocupar devidamente o seu lugar e corresponder ao plano traçado pela direcção.

Cada dia era repleto de actividades, das 7h da manhã às 11h da noite. Estou convencida de que o sucesso se deveu ao facto de a parte espiritual ter sido muito marcada e num horário propício.

Neste sentido, quero salientar a Devocção Matinal, feita em cada tenda, em que as três ou quatro pessoas meditavam sobre um curto texto bíblico, cantavam um hino e, de seguida, oravam por motivos especiais.

A meio da manhã, assistíamos a uma palestra, obedecendo a um tema geral sabiamente escolhido — «Os vários sinais da segunda vinda de Jesus». Pudemos então recordar verdades esquecidas e avivar mais a nossa fé.

A reunião da noite era alternadamente espiritual ou social. Naquela, pude encorajar-me na carreira cristã, ao ouvir verdadeiros testemunhos de jovens do nosso meio. Observei como há reais experiências em Portugal! Era isto que desejava ver ao ensaiar o Acampamento.

Cada manhã, o Pastor Matos visitava duas tendas dos rapazes; cada noite, juntamente com sua esposa, encorajava duas tendas das moças. De modo que todos fomos contactados em particular pelo chefe espiritual. Pareceu-me haver interesse por cada caso e uma certa compreensão entre as pessoas.

Positiva e digna de memória acho que foi a cerimónia da Santa Ceia de

sexta-feira à noite: mesa em cruz, branca, com flores e autocolantes que diziam: «Cristo vem, prepara-te». Ali à volta, moços e moças dispuseram-se livremente, tendo por detrás uma bacia com água e uma toalha. O silêncio solene no pavilhão, a saudação que, dois a dois, se deram, as lágrimas que em vários rostos deslizaram, a aproximação de pessoas que até ali tinham tido certo preconceito em falar-se!... Vários jovens só nessa noite compreenderam o profundo significado da cerimónia. A solenidade continuou por alguns momentos à volta da fogueira, numa noite fria, onde cantámos hinos a Deus.

Reconheci então que, mesmo os considerados mais rebeldes souberam distinguir entre o que é vulgar e o que é sério. Tivemos a certeza da presença de Jesus.

Com uma saída missionária que muitos de nós voluntariamente fizemos à Figueira da Foz, tivemos oportunidade de aplicar à prática o desejo de «sair e pregar», distribuindo folhetos pelas ruas e contactando as pessoas, de porta em porta, com o curso «O Futuro Brilhante».

**Raquel Ramos**

## DA APREENSÃO À AMIZADE

Quando chegámos ao Acampamento, naquele domingo chuvoso, os nossos rostos não escondiam uma certa apreensão em relação aos 10 dias que se iriam seguir.

«Proibido fazer isto», «proibido fazer aquilo», pareciam ser as palavras de ordem que acompanhavam cada boletim de inscrição. Uma única atitude se impunha: observar o que se iria passar, para formularmos, no fim, a nossa opinião. É esta, pois, a minha posição, ao escrever estas linhas, agora que já lá vão alguns dias após o seu termo.

E posso dizer-vos, prezados jovens e irmãos, que o Acampamento ultrapassou tudo quanto os mais optimistas puderiam esperar! Mais que um campo de férias, ele serviu para o

fortalecimento físico e sobretudo espiritual de cada jovem. Vejamos então: a secção desportiva esteve a cargo do pastor Daniel Silva, cujo trabalho alcançou duas grandes vitórias. A primeira, pelo facto de ter apresentado um grande leque de modalidades desportivas (até aí encontrava-se quase exclusivamente centralizada no futebol). A segunda vitória está no facto de as meninas terem passado numa posição meramente receptiva a uma posição activa. Apesar de ainda não ter sido perfeito, neste campo, foi um óptimo ensaio para futuros acampamentos.

Foi contudo o apoio espiritual, dado a cada jovem, o que mais me impressionou: desde as saídas missionárias, quer na vila, quer na Figueira da Foz,

até às visitas efectuadas a cada tenda pelo pastor Matos e sua esposa; sem esquecer, evidentemente, o culto de cada manhã; tudo esteve perfeito. Para coroação, tivemos uma cerimónia de Santa Ceia que foi, sem qualquer dúvida, inesquecível para todos nós. A solidariedade, a amizade e o amor em Jesus brotavam dos nossos corações. Palavras para quê, se as lágrimas nos olhos de muitos eram já uma resposta!

O objectivo do Acampamento fora atingido: cada um regressava mais desejoso de seguir e de trabalhar para Cristo!

E tal como o hino MV-76 o diz, posamos todos nós gritar bem alto: «Ó Cristãos, avante!»

**Luísa Sequeira**

# AGORA COMPREENDO O SIGNIFICADO DE UMA SANTA CEIA

Para mim, o acampamento 1976 foi uma experiência. Quando me decidi ir até à Costa de Lavos, foi com certas apreensões, pois os rumores que sobre o Acampamento corriam, não eram muito agradáveis. Mas, felizmente, pude constatar que não passavam de «boatos» infundados.

O programa estava bem organizado, pois podíamos dedicar o nosso tempo a diferentes actividades: físicas, recreativas, sociais e também espirituais. Estas últimas foram, sem dúvida, as que mais me marcaram. Todas as manhãs podíamos meditar um pouco sobre problemas que assolam o nosso planeta, (fome, terremotos, poluição, etc.) e que são também sinais da vinda de Jesus. Temas muito actuais, de interesse geral e que, por isso, captaram toda a nossa atenção, contribuíram para nos tornar mais conscientes dos momentos difíceis em que estamos vivendo.

Mas o apogeu das actividades espirituais foi atingido numa cerimónia de «Santa Ceia». A mesa, disposta em cruz, tornava mais vivo em nossas mentes o sacrifício do Salvador. Depois de uma bela alocução feita pelo Pastor Matos, tivemos a cerimónia do «Lava-Pés». Nesta altura, cada jovem pôde orar pelo seu companheiro. E, sem dúvida, estes foram momentos de verdadeira entrega ao Senhor. Finalizando a cerimónia da «Ceia», tivemos a oportunidade de abraçar todos

os nossos amigos e de lhes estender um sincero «Deus te abençoe». Foi, por certo, uma cerimónia inesquecível para todos os campistas, pois respirávamos uma atmosfera divina naquela noite de sexta-feira. Todos sentíamos a presença de Deus naquele lugar.

Quando já tudo tinha finalizado, podíamos ver ainda lágrimas nos olhos e escutar palavras como estas: «Agora

sim, compreendi o significado de uma Santa Ceia».

É verdade que o Acampamento 1976 está já no passado, mas penso que nas nossas mentes está ainda bem presente.

Façamos desde já planos para o Acampamento 1977 e que até lá Deus nos ajude.

Carlos Jales



Uma saída missionária à Figueira da Foz

## HOUVE TEMPO DEDICADO AO MESTRE

Tinha-se gerado grande expectativa à volta do que seria o Acampamento 76. Faziam-se comentários... e todos ansiavam o dia em que nos reuniríamos na Costa de Lavos.

Porquê tanta expectativa? Bem, primeiro porque tinha havido mudança de dirigentes e as consequentes modificações que daí puderam advir. Por outro lado, havia rumores de liberdade muito condicionada, especialmente quando foram dados a conhecer os regulamentos das actividades dos campistas. Finalmente a expectativa atingiu o auge na véspera do dia 18 de Agosto. Foi com alegria que revimos os nossos amigos e aqueles que pela primeira vez participaram num acampamento.

Sem dúvida que é difícil descrever todas as actividades que tiveram lugar, mas irei, apenas em linhas gerais, contar aquilo que se passou. Começo

por dizer que havia pessoas responsáveis pelas diversas actividades: espiritual — Pastor José M. Matos; cultural e social — Pastor Daniel Silva; administrativa — Pastor Joaquim Casquinha e o Director do Acampamento — o nosso estimado Ir. Pastor Joaquim Morgado.

Apesar destes, foram aceites jovens que viriam a trabalhar directamente com cada pastor nas diferentes actividades.

No que concerne ao desporto, posso dizer que houve muitas actividades: Atletismo, Torneios de Ping-Pong e de Badminton, Voleibol, Futebol de Salão, jogos solteiros-casados, etc. Assim, moças e moços puderam dar largas ao seu vigor físico. Não faltou também a praia, todos os dias. Ainda na parte recreativa, tivemos várias reuniões sociais com jogos, números mu-

sicais, concursos com aliciantes prémios, fogo de acampamento, tendo, junto deste, oportunidade de nos divertirmos e de nos conhecermos melhor.

Além de tudo isto, tivemos oportunidade de visitar a Figueira da Foz, por duas vezes. Por agora, irei falar da 1.ª visita: saímos do Acampamento de manhã cedo e fomos até à praia da Figueira. Chegou a hora do almoço. Formaram-se filas para receber o saquinho com os alimentos. Mas apraz-me referir um pequeno pormenor: todos os jovens campistas traziam nas suas roupas autocolantes com a designação JAP — Juventude Adventista Portuguesa — e aqui tivemos oportunidade de nos fazermos conhecer naquela cidade, porque muitas pessoas que passavam detinham-se para ler e perguntar quem éramos.

Falarei agora sobre o segundo passeio à Figueira da Foz. Nem tudo foi diversão, também houve tempo dedicado ao nosso Mestre. Nesta segunda saída, fomos imbuídos de espírito diferente. Era nosso objectivo distribuir folhetos e ainda fazer inscrições para o curso «Futuro Brilhante». Houve contactos maravilhosos e todos os que participámos sentimos muita alegria.

Nas reuniões espirituais da manhã, o Pastor José Manuel de Matos falava-nos cada dia de um dos sinais da vinda de Jesus, alertando-nos para o real cumprimento das profecias e da necessidade de nos prepararmos para essa breve vinda, seguindo-se um período de diálogo entre os presentes. Também não faltaram as reuniões espirituais à noite, com concursos bíblicos, bons prémios, hinos, testemunhos de jovens e experiências de várias ordens.

Chegada a sexta-feira — dia de preparação — vimos, mais uma vez, da parte dos coordenadores deste Acampamento, o desejo de fazer o seu melhor para nos proporcionar os melho-

res momentos. Deste modo, tivemos algo de inédito — uma cerimónia de Lava-Pés e Santa Ceia. Foi uma noite inesquecível e de profunda espiritualidade.

No sábado, tivemos a visita de muitos irmãos que nos alegraram com a sua presença.

Deu-se início às actividades deste dia com a Escola Sabatina, sob a orientação do jovem José Carlos. A Lição foi estudada nas diversas classes, com monitores próprios. Ouvuiu-se o coro do Acampamento, orientado e dirigido pelo jovem Miguel Baião. Para nos dirigir no Culto Solene, tivemos a presença amiga do Pastor Baião, que fez um apelo a todos os jovens para sentirem a necessidade de trabalhar e dedicar-se à causa de Deus, sendo vários os jovens que sentiram esse chamado.

À tarde, continuou-se o programa deste dia com uma reunião espiritual. Ao aproximar-se o pôr-do-Sol, dirigimo-nos para a praia, cantando hinos.

Durante o passeio, distribuimos folhetos pelas pessoas daquela vila. Na

praia, cantámos, orámos, fizemos uma curta meditação bíblica. Foi com alegria que vimos várias pessoas da vila, que se juntaram a nós para verem de que se tratava.

Chegou a última noite e com ela a tristeza de nos separarmos. Foi uma noite de festa. Assim, foram coroados «o Rei e a Rainha da Simpatia». Foram entregues prémios aos vencedores das provas e dos jogos. Há a salientar a habitual marcha, o fogo do acampamento e uma «soirée» de confraternização.

Na manhã seguinte, faziam-se as malas — era tempo de partir. Foi com tristeza que nos despedimos, mas havia alegria nos nossos corações, pela amizade entre todos e por estes momentos inesquecíveis, que passámos juntos, durante o acampamento MV-76.

Para todos os jovens que, de perto ou de longe, do Norte ao Sul, participaram neste acampamento e que nele tiveram uma parte activa, as nossas congratulações e a nossa gratidão pela vossa amizade.

José Carlos Cidra

# caixa de perguntas

## DIVÓRCIO

**Qual é a posição da Igreja Adventista no assunto do divórcio? Será justificado em casos de crueldade, maus tratos, abandono do lar, incompatibilidade de gênios?**

Entendemos que as palavras de nosso Senhor em Mateus 5:31, 32 e 19:9, sobre repúdio e divórcio, são apenas uma **permissão**, mas não uma **ordem** à parte lesada ou inocente para requerer o divórcio. Todo o teor das Sagradas Escrituras é no sentido do perdão, da reconciliação, mesmo num pecado de tamanha gravidade como o adultério. A ordem que temos é de perdoar os outros, como o Senhor nos perdoou. Na verdade, o perdão que Deus nos concede é a nossa única esperança de salvação e constitui a própria essência do Evangelho. Além disso, o perdão divino toma em plena consideração as fragilidades e fraquezas dos homens. Se, como filhos de Deus, não somos capazes de demonstrar esta qualidade divina para com os outros, então — diz a Palavra de Deus — o Senhor não nos perdoará. O juízo será sem misericórdia sobre os que não usaram de misericórdia. Deus não discrimina o pecado do adultério com aversão especial superior à que tem por todos os outros pecados.

De acordo com a Bíblia, só há duas razões que podem invalidar os vínculos matrimoniais: a morte de um dos cônjuges (Rom. 7:2, 3) e o adultério

(Mat. 5:32 e 19:9). No caso de adultério, parece estar implícito nas palavras de Cristo (embora não especificamente declarado) que a parte inocente, uma vez obtido o divórcio, está livre para contrair novas núpcias. Assim tem sido entendido pela grande maioria dos exegetas e comentaristas através dos anos. O Espírito de Profecia afirma: «Nada senão a violação do leito matrimonial pode quebrar ou anular o voto matrimonial» — **O Lar Adventista**, pág. 431. «Deus reconhece apenas um motivo pelo qual a esposa pode deixar o seu marido ou o marido a sua esposa: o adultério». — **Idem**, pág. 342. «Vi que a irmã F por ora não tem o direito de desposar outro homem; mas se ela, ou qualquer outra mulher, obtiver um divórcio legal na base de adultério por parte do marido, então está livre para casar com quem quiser.» — **Idem**, pág. 344.

A expressão «carta de divórcio» de Mat. 5:31 (versão actualizada), corresponde no original grego a **apostasion**, forma substantiva do verbo «aphistemi», que quer dizer «separar, repudiar, cortar relações». A palavra «apostasia» vem da mesma raiz grega. Na verdade, o divórcio é uma apostasia do casamento. Cristo demonstrou que o divórcio não fazia parte do plano original de Deus, mas foi tolerado ou consentido, devido à «dureza do coração» humano (Mat. 19:8). Convém lembrar que a lei mosaica **não instituiu** o divórcio. Sob a direcção divina, Moisés **tolerou-o** e regulamentou-o para evitar abusos. No entanto, para Cristo, o matrimónio cristão deve basear-se ainda em Gén. 2:24 e não em Deut. 24:1. Jesus foi claro em que não deverá haver divórcio, excepto em caso de infidelidade. A relação matrimonial foi pervertida pelo pecado e Jesus veio restaurá-la à pureza original. «No princípio não foi assim» (Mat. 19:8, última parte). «O amor é paciente, é benigno (...) não procura os seus interesses, não se exaspera (...) tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.» I Cor. 13:4-7.

Moisés tentou evitar os abusos originados no endurecimento dos corações», mas logo se desvirtuaram as suas intenções, ao ponto de se dar «carta

de divórcio» por motivos banais, como não gostar da maneira de a esposa se vestir, ou não gostar dos alimentos que ela preparasse. O famoso Rabbi Akiba escreveu: «Se um homem vir uma mulher mais bela do que a sua esposa, ele poderá repudiar a esposa, porque está escrito na lei: **Se ela não for agradável aos seus olhos.** Deut. 24:1».

Flávio Josefo, o celebrado guerreiro-historiador, diz-nos, com o maior cinismo, o que aconteceu na sua própria vida: «Por esse tempo repudiei a minha esposa, que me dera três filhos, porque não me agradei das suas maneiras.» Por estes dois casos, pode-se avaliar a que grau de corrupção tinha chegado o divórcio entre os judeus. Era assim o teor de uma «carta de divórcio» entre eles:

«No dia tal, da semana tal, do ano tal da fundação do mundo, de acordo com a computação usual na província tal, o senhor Fulano, filho de Beltrano, pelo nome com que é conhecido na cidade tal, no pleno gozo das faculdades mentais e sem nenhum constrangimento, tem divorciado, repudiado e expulsado a ti—a ti, digo Fulana, filha de Sicrano, por qualquer nome por que sejas chamada, da cidade tal, que até aqui foste minha esposa. Mas agora te repudiei, de modo que estás livre, à tua própria disposição, para casares com quem quer que te agrade, sem qualquer impedimento de quem quer que seja, a partir de agora e para sempre. Estás, portanto, livre para qualquer homem. Isto constitui uma carta de divórcio dada por mim, um escrito de separação e expulsão, de acordo com a lei de Moisés a Israel.

Reuben, filho de Jacob, testemunha.

Eliezar, filho de Gileade, testemunha.»

Bastava o esposo redigir a carta, que devia ser abonada por dois doutores judaicos, e o divórcio era concedido.

Era esta a situação nos dias de Jesus. Certamente Ele não abonou uma situação tão aviltante como esta, mas procurou restaurar o carácter sagrado dos votos matrimoniais.

Como outros pecados graves, o adultério, na lei civil judaica, era punido com a morte (Lev. 20:10) e não com o divórcio. Esta pena era obrigatória, ao passo que, sob a lei cristã, o divórcio não é obrigatório, mas permissível. Dos ensinamentos de Jesus se infere que a parte lesada ou inocente é livre para decidir se a relação matrimonial deve continuar ou não. Pode haver reconciliação e perdão mesmo no caso de adultério, o que seria ideal para evitar o envolvimento dos filhos. Ao casarmos, fazemos perante Deus o voto solene de fidelidade e paciência mútuas, seja na prosperidade ou na adversidade, na saúde ou na doença. O lar, então, é sustentado pela oração, pela compreensão, pela tolerância e até pela renúncia.

Há casos em que a vida em comum se torna impossível: crueldade, maus tratos, abandono do lar, falta de meios de subsistência, por exemplo. Nesses casos os cônjuges podem-se separar, mas isso **não desfaz** o vínculo matrimonial nem assegura autorização para novo casamento. Vivemos numa época de deterioração moral e frouxidão de costumes. A juventude dos nossos dias, atendendo aos ensinamentos dos profetas subversivos, proclama a desnecessidade do casamento, a nova moralidade, as relações pré-maritais, o amor livre e outras formas de devassidão que caracterizam os dias que antecedem a volta do Senhor.

Nos países onde o divórcio é livre, ele tem-se demonstrado abusivo e fonte de muitos males. Não é raro os magistrados concederem o divórcio por simples incompatibilidade de gênios, alegada cruel-

dade mental, esfriamento do amor, comportamento tido como anti-social ou grosseiro segundo a avaliação do outro cônjuge, pobreza, e até por protestos frívolos. Ora, estes aspectos objectáveis do carácter deveriam ter sido detectados nos períodos do namoro e do noivado. — («Revista Adventista do Brasil»).

## POLIGAMIA

**Lemos no Velho Testamento que muitos homens bons tiveram mais de uma esposa ao mesmo tempo. Se eles eram aceitos por Deus, porque proibiu Jesus a poligamia?**

Há uma grande diferença entre **registar** os actos dos homens e **aprovar** esses actos. Os homens escrevem livros em que omitem a poligamia e outros pecados da vida dos seus heróis. A Bíblia, ao contrário, regista fielmente as fraquezas, os erros e pecados das personagens biografadas, da mesma maneira que os traços recomendáveis do seu carácter e as suas boas acções. Porque a Palavra de Deus é imparcial, retrata o homem como ele é, mas regista também os resultados da poligamia. Muitas das aflições e dissabores que sobrevieram a Abraão, Jacob, David e outros, resultaram de ciúmes e ódios entre as suas esposas e filhos. Foram as esposas de Salomão que o levaram a apartar-se de Deus, a cair no pecado e na idolatria (Ler atentamente Neemias 13:26).

A poligamia teve origem com os maus descendentes de Caim (Ver Génesis 4:17-19). Isto aconteceu antes do Dilúvio, mas a prática manteve-se depois dele. É lamentável que homens bons, como Abraão, a tivessem seguido. O seu segundo casamento foi uma expressão de descrença no poder de Deus para cumprir a Sua promessa (Ver Génesis 15:5; 16:1-4). Muitas das amarguras e preocupações que sobrevieram a Abraão foram resultado de um comportamento insensato. A partir daquele dia até hoje tem havido inimizade entre os seus filhos gerados pelas suas duas esposas. Os árabes (descendentes de Ismael) e os judeus (descendentes de Isaac) são inimigos irreconciliáveis, e a hostilidade existente entre eles ameaça a paz em todo o mundo. Podem acender o rastilho de uma terceira guerra mundial. A rivalidade entre os filhos de Jacob foi para ele fonte de profundos desgostos (Génesis 37). Do mesmo modo, a poligamia de David foi a causa de problemas intermináveis. Foi uma sequência de rivalidades, assassinios e conspirações (Ver II Samuel, capítulos 13 a 15).

Deus não rejeitou esses homens pela sua poligamia, porque viu neles traços que os recomendavam, mas teriam sido muito mais felizes e abençoados se tivessem seguido o plano original de Deus. Desejavam de todo o seu coração fazer a vontade de Deus, por isso Ele os aceitou como se encontravam.

O ensino de Jesus sobre o matrimónio baseia-se no plano instituído no princípio. Deus criou o macho e a fêmea, e por isso o homem deixa o seu lar para se unir à sua esposa e serão ambos uma só carne (Ler Marcos 10:6-8). Cristo restaurou a monogamia e prestigiou o casamento como foi instituído no Éden.

Como se evitaria tanta infelicidade se os homens seguissem simplesmente os planos divinos! - (Idem).

## Emissões de Rádio de Macau para a China Continental

A Rádio Adventista Mundial inclui actualmente programas em 23 línguas, transmitidos por intermédio de quatro importantes estações situadas em Portugal, Malta, Sri Lanka e Macau.

Estas quatro estações cobrem os territórios da Ásia do Sul, da China Continental, da Europa e Norte de África e do Médio Oriente. Os emissores de Sines e de Malta transmitem em onda curta com a potência de 250 kW; o de Macau trabalha em onda média, com 10 kW; e os de Sri Lanka são de onda curta e trabalham com potências de 10, 35 e 100 kW.

## Representação da Vinda de Cristo numa Exposição Americana

Durante uma grande exposição no Estado de Ohio, E.U.A., realizada de 26 de Agosto a 6 de Setembro, esteve em exibição constante uma impressionante representação da Vinda de Cristo à Terra, obtida por meio de recursos técnicos, incluindo o som e a imagem, designada por Illumidrama. Este meio de advertir as pessoas foi usado pela Conferência Geral a primeira vez em 1964, por ocasião da Feira Mundial. Desta vez a iniciativa e a despesa do empreendimento esteve a cargo da igreja local de Columbus.

## O Crescimento da Igreja em 1975

O número mundial de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia aumentou de 145.055 durante 1955, com uma taxa de crescimento de 5,75 (aumento líquido por 100 membros). O total de membros no fim de 1975 era de 2.666.484.

As duas divisões com maior taxa de crescimento em 1975 (aumento líquido por 100 membros) foram a Divisão Sul-Asiática (10,02) e a Divisão Interamericana (8,75). As duas divisões com maior número de acessões (membros acrescentados por baptismo ou profissão de fé) foram a Divisão Interamericana (49.163) e a Divisão Sul-Americana (35.729).

Nos últimos anos os números mundiais têm incluído 21.168 membros na China e 40.000 na U.R.S.S. Ambos estes números são os últimos de que houve registo e não têm sido alterados de ano para ano.

## do mundo adventista

### Colportagem Evangelística nos Estados Unidos

Os colportores-evangelistas da União Central da Divisão Norte-Americana venderam, durante os primeiros seis meses deste ano, perto de 1.500 jogos da série de livros «O Conflito dos Séculos». Além destes livros unicamente de mensagem, venderam 2.710 jogos de «A História Bíblica» e 401 jogos de «Histórias para a hora de deitar». Durante o mesmo período baptizaram-se 70 pessoas como resultado de contactos feitos pelos colportores.

### Chefe Convertido nas Ilhas Salomão

Um chefe na ilha de Choiseul, no Arquipélago de Salomão, fez recentemente uma confissão pública da sua fé na mensagem do terceiro anjo. Apesar de muita oposição, o testemunho influenciou mais de metade do povo da sua aldeia a aderir à Igreja Adventista juntamente com ele.

Em Munda, no mesmo arquipélago, foram baptizadas recentemente 100 pessoas como resultado de trabalho dos leigos.

### A Obra no Bangladesh

Os dois colégios adventistas no Bangladesh registam um total de 402 alunos internos. Aquele país tem ainda 330 escolas adventistas de aldeia, com 392 alunos.

Organizou-se uma nova Escola Sabatina em Muhoor, Bangladesh, onde se baptizaram recentemente membros de 18 famílias. Em Maio realizaram-se ali também três Escolas Cristãs de Férias, com a participação de 316 crianças.

### Progressos na Índia

Pela primeira vez está a ser traduzido para a língua bengali o material da Semana de Oração M.V., que em toda a Índia é programada para o mês de Julho.

Em Goa, um grupo de crentes em férias dedicou recentemente uma tarde de sábado a inscrever 30 pessoas num curso por correspondência da Voz da Profecia.